

SALVAR O PLANETA?

As últimas décadas têm sido caracterizadas, entre outras, pelo surgimento de uma óbvia e profunda preocupação pela progressiva destruição da vida em nosso planeta e o bem-estar futuro da humanidade. São incontáveis as pessoas, organizações e governos que têm se pronunciado com energia em relação ao futuro incerto, senão catastrófico, à espreita em todo lugar. Muitas iniciativas importantes têm sido destinadas a reduzir, ou tratar de reduzir, o contínuo deterioro ambiental que produz a descontrolada atividade dos seres humanos.

A comunidade científica tem estado ativa na luta empreendida, e numerosas instituições mundiais, incluindo as Nações Unidas, a partir do Relatório Bruntland, têm se pronunciado com clareza e impulsado acordos multinacionais com a finalidade de controlar a mudança climática e a progressiva destruição do meio ambiente.

Apesar disso, a verdade é que os esforços realizados neste sentido não apenas parecem insuficientes, como a situação está ficando piorar. Enquanto avanços importantes acontecem, especialmente no campo da tecnologia de informação e outras, a segurança alimentar e hídrica se torna cada vez mais precária em todo lugar. Enquanto é perpetrado o que podemos descrever como verdadeiro crime ambiental, os desafios à convivência democrática, a crescente opressão à liberdade de expressão por regimes autocráticos e as violentas ameaças de soluções extremas para os conflitos internacionais, reduzem ainda mais as expectativas de um planeta acolhedor para as futuras gerações.

A terrível mortalidade nos últimos dois anos, provocada pela pandemia que ainda parece não ter fim, acaba sendo um mal menor quando comparada à perda de cobertura arbórea do planeta, devido ao aquecimento global, mudança no uso das terras, pragas e, infelizmente, aos incêndios.

Estes últimos foram responsáveis, no ano 2021, por mais de um terço das perdas dessa cobertura, que por sua vez são enormes.

Por outro lado, em nossa região, a busca insaciável de riqueza e lucro a qualquer custo, têm conduzido à exploração descontrolada e excessiva as florestas da Amazônia e da Guiana, bem como da vida animal nos rios e oceanos. O fato das florestas estarem desaparecendo da face da terra ou de os oceanos estarem cheios de materiais plásticos, parece menos importante e têm menores consequências do que a acumulação de riqueza. Diante de um maior retorno sobre os capitais investidos, pouco importa a destruição do planeta, o que tem nos trazido ao ponto em que hoje se encontra a humanidade.

Um interessante exemplo do que tem sido exposto nestas linhas é revelado claramente em um dos trabalhos incluídos neste número de *Interciência*. Nele, através do estudo das licenças concedidas durante quarenta anos no sul do Chile para a exploração industrial em fazendas de salmão, é desvelado o perigo que representa para o meio ambiente e os recursos naturais, a voracidade dos negócios de uma importante indústria em uma das poucas áreas que ainda permanecem relativamente prístinas nas Américas. Os efeitos observados e os previstos ultrapassam o marco específico da piscicultura e também alteram a ecologia cultural na região.

Por ser um lugar remoto, o extremo sul da Patagônia chilena e seus habitantes aborígenes ainda conservam traços de virgindade e, até agora, têm podido sobreviver ao traçoeiro redemoinho de buscadores de renda.

MIGUEL LAUFER
Diretor, *Interciência*